

NOTAS E RECENSÕES

ENSAIOS DE GEOGRAFIA HUMANA E REGIONAL

Na vasta obra científica de ORLANDO RIBEIRO, que compreende hoje para cima de 170 trabalhos publicados, ocupa lugar de relevo um conjunto de «escritos menores» de Geografia humana e regional, para o autor «sempre estreitamente conexas na (sua) forma de elaborar uma ou outra» (p. xv). Foi este conjunto que começou há pouco a ser publicado ⁽¹⁾, depois de terem já aparecido três outros livros de índole semelhante: *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa* (1962), *Problemas da Universidade* (1964) e *Variações Sobre Temas de Ciência* (1970), o primeiro de natureza geográfica, os outros dois de temas diferentes, mas onde se sentem bem, para além da experiência do professor e do investigador, o temperamento e a formação do geógrafo que os escreveu.

Os *Ensaios de Geografia Humana e Regional* correspondem a uma parte muito mais ampla e significativa do labor científico de ORLANDO RIBEIRO: por isso, não admira que constituam um trabalho muito mais extenso também ⁽²⁾. Ao primeiro volume, a que aqui se faz referência, e que compreende a introdução e as duas primeiras partes, devem seguir-se pelo menos outros dois, cujo conteúdo foi já anunciado. No segundo volume, o tema geral será «O Mundo Rural: Paisagens e Modos de Vida»; o terceiro repartir-se-á por quatro rubricas: «Esbocos Regionais e Locais», «Lisboa e Outros Temas Urbanos», «Brasil e Ultramar» e «Ofício de Geógrafo».

Torna-se supérfluo divagar longamente sobre o interesse deste género de livros. A comodidade de se poder dispor de uma série de trabalhos afins, inicialmente dispersos, reunidos e ordenados metódicamente num único ou num número limitado de volumes (o que neste caso permite ainda separá-los segundo grandes divisões), junta-se o facto de muitos deles se encontrarem em publicações cujo acesso se

vai tornando cada vez mais difícil ou que acabam mesmo por se esgotar. Acrescente-se ainda que o autor não perde nunca a oportunidade de rever os escritos que se juntam nestas colectâneas, de limar aqui e além a sua prosa, de acrescentar uma ou outra nota, actualizando os dados e clarificando o pensamento, com base na evolução posterior dos fenómenos que estuda, em investigações mais ou menos minuciosas que continua a fazer sobre eles, na bibliografia recente que assim aproveita e integra no seu trabalho. Enfim, de mistura com os estudos já publicados, alguns inéditos aparecem também: uns escritos expressamente; outros que constituem pedaços de obras que desistiu de escrever, já bem elaborados e com individualidade, ou coisas que nunca houve oportunidade de publicar e que ficam longo tempo esquecidas, até que surge o ensejo de as retomar e fazer aparecer ⁽³⁾.

O primeiro volume dos *Ensaios de Geografia Humana e Regional* abre com uma extensa introdução (pp. 1-62), em que o autor analisa criticamente, em pormenor, os seus «Trinta e Cinco Anos de Estudos Geográficos». Depois de um rápido balanço do que foi a actividade dos geógrafos portugueses até ao começo dos seus estudos e de um desfolhar de recordações da infância e da juventude, toda uma série de factos e de circunstâncias em que afinal a sua vocação científica assentou e a partir dos quais se desenvolveu, ORLANDO RIBEIRO fala-nos da sua obra, da evolução da sua carreira, como professor universitário e como investigador infatigável que trabalhou em quatro das cinco partes do Mundo (exclui-se apenas a Oceânia), e em temas tão diversos como os que vão do estudo de erupções vulcânicas (Fogo, Faial), em que é necessária formação geológica, com segura iniciação nalguns ramos bem especializados, ao de contactos de civilização, a que consagrou penetrantes trabalhos, todos bem alicerçados, como não podia deixar de ser, em sólidos conhecimentos de História. Desta actividade docente e científica resultou a formação duma verdadeira escola, a escola de Geografia de Lisboa. Surpreenderão talvez o leitor, não pròpriamente esta introdução e o seu tema, mas as largas páginas que ocupa; é mesmo o autor quem reconhece que tudo isto são coisas «que não é certo estarem aqui no sítio adequado» (p. 62). A verdade, porém, é que há inegável interesse em saber como vê um Mestre, com a craveira e a projecção de ORLANDO RIBEIRO, a sua própria obra, através de páginas de notável isenção, em que, se não é inibido por falsa modéstia e coloca nos devidos termos os seus aspectos de maior realce, não se poupa também a autocrítica, bem patente nas linhas que dedica à sua dissertação de doutoramento, a qual constituiu praticamente um trabalho de iniciação e não de plena maturidade intelectual (quando

⁽¹⁾ ORLANDO RIBEIRO, *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, vol. 1, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1970 (xvi + 373 pp.).

⁽²⁾ Em relação ao título escolhido, além dos que se referem à expansão portuguesa, apenas não são publicados os trabalhos que têm saído na revista *Finiserra*, recente e facilmente acessível a todos.

⁽³⁾ No volume em referência, além da introdução, foi publicado pela primeira vez o ensaio «As Formas Moverias da Paisagem» (pp. 179-187), prémio de uma obra de divulgação que o autor acabou por não escrever. Outros inéditos aparecerão nos volumes seguintes, designadamente estudos de geografia urbana de Lisboa, a incluir no terceiro, e que foram elaborados nos primórdios da carreira científica de ORLANDO RIBEIRO. Há todo o interesse em comparar a situação descrita nestes trabalhos com o desenvolvimento que a cidade tomou em perto de quarenta anos, o qual poderá assim ser visto e interpretado a uma luz nova.

foi publicada, o autor tinha apenas 25 anos e só há quatro se licenciara). Por outro lado, são já relevantes nesta introdução algumas páginas (51-56) sobre «orientações de pesquisa» e «conhecimento e aplicação» em Geografia. No fundo, não será ORLANDO RIBEIRO o único leitor que, «ao estudar as obras de certos autores, (teve) curiosidade de conhecer os andaimes com que as foram erguendo» (p. 62). Torna-se até curioso lembrar que também o seu Mestre LEITE DE VASCONCELLOS diz nalgumas páginas da introdução da *Etnografia Portuguesa*, embora com indole ligeiramente diferente, «De Como se Organizou Esta Obra» (título do capítulo V da referida introdução, pp. 345-352 do volume I).

A primeira parte dos *Ensaio*s (pp. 63-290) intitula-se «Síntese e Método» e reúne onze trabalhos. «Alguma vez tentei — escreve o autor —, até onde fui capaz, abranger problemas de conjunto, como nos artigos iniciais desta colectânea: muitos anos de viagens e de reflexões, esquemas que o ensino suscita e enriquece, dão às vezes a tentação de ver as coisas de alto...» (pp. 56-57). Desta tentação resultou a série de ensaios em que ORLANDO RIBEIRO define a sua maneira de encarar a Geografia humana, a orientação metodológica que tem guiado a elaboração das suas obras neste domínio. «Atitude e Explicação em Geografia Humana» (pp. 65-112), em que com mais desenvolvimento e apoiado em grande soma de exemplos aborda estes pontos, é hoje verdadeiramente um trabalho clássico dentro da vasta bibliografia em que vários autores têm procurado definir com precisão este ramo do conhecimento e os seus métodos. Mas é interessante referir que em «Geografia Humana» (pp. 137-145), publicado vinte e cinco anos antes do ensaio anterior, afloravam já os dados essenciais do pensamento do autor (*). Entre os grandes mestres da Geografia que influenciaram a sua maneira de ver, a todos sobreleva VIDAL DE LA BLACHE; basta passar os olhos por «En Relisant Vidal de la Blache» (pp. 147-177), para se ver quanto a obra deste autor influenciou, na concepção e no método, a de ORLANDO RIBEIRO, não obstante a originalidade deste, tanto numa como no outro. Em «Síntese e Método» abordam-se também temas mais restritos, quando se consideram quer apenas um determinado ramo da Geografia humana, a Geografia rural («L'Aménagement du Terroir Agricole», pp. 219-240; «Utilisation du Sol, Systèmes Agraires et Habitat Rural: Remarques Comparatives», pp. 241-258), quer apenas um determinado espaço geográfico, a África ao sul do Sáhara («Problemas Humanos de África», pp. 265-290).

O conceito de Geografia humana adoptado por ORLANDO RIBEIRO é muito claro e muito simples também: ela deve cingir-se à descrição e interpretação das paisagens humanizadas do Globo, ao estudo das marcas que o Homem imprime à superfície da Terra, como resultado da sua actividade, da sua maneira de viver. Assim entendida, a Geografia humana é apenas uma face, um aspecto das Ciências da Terra, da Geografia; ou melhor, aquela face, aquele aspecto em que

(*) Por isso mesmo, foi reimpresso em apêndice no volume avulso em que primeiro apareceu *Atitude e Explicação em Geografia Humana* (1960).

estas são recobertas por um outro grupo de ciências muito diferentes no espírito e nos métodos, as Ciências Humanas. Alguns autores tendem hoje a integrar nestas a Geografia humana; mas isto equivale, pelo menos em princípio, a tomar como ponto de partida o próprio Homem, o que pode conduzir a certa imprecisão no conceito e nos métodos. O estudo daquilo que nas paisagens terrestres resulta da acção do Homem (começando pela descrição simples, com base sobretudo na observação) é o objectivo concreto que se tem de considerar (a Geografia, «ciência de lugares e não de homens», segundo a expressão de VIDAL DE LA BLACHE, que convém lembrar); depois, a interpretação exigirá que o investigador trilhe os caminhos de ciências afins — a História, a Etnologia, a Sociologia, a Economia: mas sempre na medida em que, fazendo-o, contribua para esclarecer o objectivo em causa. Assim se garantem a harmonia e a coerência metodológica que dão uma extraordinária solidez a toda a obra de ORLANDO RIBEIRO.

Em síntese, «a Geografia humana só através da descrição e interpretação das *formas humanas da paisagem* poderá manter-se no seu terreno — circunscrevendo-o com segurança, exercitando com êxito os seus métodos e trazendo para a compreensão dos problemas da terra e do homem contribuições válidas e perduráveis» (p. 71).

Um inventário daquelas formas, a sua descrição cuidada e sistemática constituem, como se disse, o trabalho inicial a lançar mão. Um bom exemplo da minúcia e do rigor com que esse trabalho deve ser feito, exemplo a reter como método, encontra-se em «L'Aménagement du Terroir Agricole», relatório preliminar apresentado à Comissão de Geografia Agrária da União Geográfica Internacional. Aí se define primeiramente o terreno agrícola («o conjunto do espaço cultivado, com as diversas utilizações do solo que comporta», p. 222); se esboça a traços largos como ele se pode originar; se considera a sua organização (que «compreende dois aspectos essenciais: a forma dos campos e a disposição das diversas culturas no espaço assim definido», p. 225); se indicam as principais relações deste terreno agrícola com os outros aspectos do ambiente geográfico; enfim, se enunciam os seus elementos constituintes, sintetizados em cinco tipos fundamentais (pp. 236-238): o campo (cultivado de plantas — cereais, leguminosas, etc. —, «cuja colheita se efectua no ciclo vegetativo do ano»), as plantações de árvores e arbustos («que durante vários anos ocupam o mesmo terreno»), a horta (com diversas culturas, realizando, «num espaço sempre restrito, uma combinação do campo e das plantações»), o prado («exclusivamente destinado à produção de erva», de forragens, e que pode ser espontâneo ou cultivado) e as matas aproveitadas (sorte de «transição entre as florestas e as plantações de árvores ou de arbustos»). É por um trabalho deste tipo, em grande parte descritivo (p. 239), aparentemente simples, mas exigindo já a sistematização e certa elaboração dos dados, que deve começar a investigação.

Vem depois a interpretação. E nesta, um aspecto muito importante do pensamento de ORLANDO RIBEIRO é a larga parte que se tem de

conceder à História. A paisagem humanizada resulta numa evolução: numa evolução mais ou menos longa e complexa, mas onde é sempre possível encontrar elementos essenciais de explicação. «A paisagem é, quase sempre, um produto do passado» (p. 53) e, como tal, este não pode deixar de ser considerado pelo geógrafo.

Na esteira de PIERRE GOUROU, considera ORLANDO RIBEIRO a civilização, tal como aquele autor a define (conjunto de técnicas de domínio da Natureza e de organização do espaço), um elemento fundamental da interpretação em Geografia humana: porém não tão acentuadamente como ele, pois toma também muito em conta a acção do ambiente físico. Veja-se, por exemplo, este período: «... a explicação (até ao ponto onde ela é possível nesta matéria) é quase sempre imbricada e complexa, doseando de maneira diferente os factores natureza e civilização, sem que seja lícito, na maioria dos casos, isolar o facto primordial e determinante» (p. 71).

«Utilisation du Sol, Systèmes Agraires et Habitat Rural: Remarques Comparatives» é um estudo modelar em que esta interacção da natureza e da civilização é posta muito claramente em evidência, através duma série de exemplos, que mostram ao mesmo tempo como aspectos muito semelhantes de paisagem rural, sobretudo o tipo de povoamento, se podem desenvolver em ambientes físicos e humanos bem diversos. Isto explica que um conjunto de investigações notáveis para o estudo do povoamento rural não tenha «conduzido a resultados válidos no plano da Geografia geral, isto é, a leis exprimindo relações necessárias, às quais parece furtar-se a complexidade dos factos em presença» (p. 243). Aspecto, aliás, muito comum em Geografia humana, onde é extremamente difícil que o estudo dos fenómenos conduza à formulação de verdadeiras leis, de regras precisas pelas quais aqueles sejam regidos. Quando muito, definem-se as tendências mais correntes que parecem orientá-los e que ajudam a compreendê-los: mas é raro que não seja logo possível apontar vários exemplos significativos que vão contra elas. A aglomeração rural na Península Ibérica e a «constituição duma paisagem aberta de 'campo' cerealífero estão [...] em estreita relação com instituições sociais tão diversas como a comunidade rural e a grande propriedade. Uma e outra, mantendo a terra agrupada sob um regime de exploração uniforme, inscreveram na paisagem o mesmo tipo de exploração do solo. Uma e outra se revelaram particularmente eficazes em regiões de fraco relevo...» (p. 247); acode logo ao espírito a comparação entre as regiões portuguesas de Trás-os-Montes e Alentejo, respectivamente. Mas também as aldeias do interior da Guiné Portuguesa se ligam a uma organização social de notável coesão: o mesmo tipo de povoamento, o mesmo caminho de interpretação, mas, apesar de algumas significativas analogias, uma paisagem agrária bem diferente, relacionada com a agricultura de tipo roça, tão difundida nas regiões tropicais. A mesma agricultura que em vastas extensões do Brasil está ligada a uma disseminação do povoamento, ou melhor, a um isolamento deste, dada a «ocupação rudimentar do solo», a «anarquia no sistema agrário, que só obedece ao ritmo rápido do esgotamento

do solo» (p. 251). Esta última paisagem resulta mais da evolução histórica do que das condições naturais: ela representa «um estádio de evolução próprio dum país novo, após a desagregação da vida indígena e perante a impossibilidade das técnicas 'coloniais' em organizarem integralmente o espaço» (p. 257). Povoamento disperso em regiões tropicais pode também corresponder a uma perfeita organização do espaço: é o caso das áreas litorais da Guiné e de Goa, com os seus arrozais e a sólida organização social comparável à das aldeias inicialmente citadas, que, mantendo «a disciplina colectiva indispensável ao cultivo dos arrozais», prova que «a dissociação das casas pode produzir-se sem que os laços entre os seus habitantes deixem de existir» (pp. 256-257). Todos estes exemplos exprimem «combinações complexas onde intervêm factos de civilização e condições naturais. O povoamento, os sistemas agrários, a utilização do solo, ligam-se antes de mais nada a esse património de técnicas, de hábitos ou de preferências que qualquer povo usa nas suas relações com a natureza. Mas há, no ambiente físico, traços que favorecem o seu desenvolvimento. Concebe-se dificilmente o *openfield* fora do quadro das planícies e das bacias sedimentares ou dos velhos socos arrasados da Europa média ou mediterrânea; associam-se facilmente os arrozais e as *huertas* aos largos fundos aluviais limitados por vertentes abruptas, que são um traço comum do modelado dos vales tropicais e subtropicais. Decerto, há arrozais e *huertas* em socalcos (Java, Surruto, Madeira), como há manchas de *openfield* em regiões de montanha. Estes exemplos provam apenas a eficácia e a força de expansão de certas técnicas fora dos seus ambientes *genéticos*» (p. 257).

Essa força de expansão mostra-se sobretudo notável na moderna civilização industrial e, a partir dela, é possível definir «Três Imagens do Mundo», num ensaio (pp. 189-206), em que se entrelaçam amplamente Geografia humana e História. A primeira imagem do Mundo, até ao começo da Idade Moderna, revela-se por um conjunto de civilizações intimamente relacionadas com determinados ambientes naturais; a segunda imagem, com «o fim do localismo pelas navegações ibéricas», vê estas civilizações romperem a sua crosta ecológica, trocarem elementos, expandirem-se pelos mais diversos ambientes, que, contudo, ainda fazem sentir a sua influência; finalmente, uma terceira imagem do Mundo anuncia-se nos nossos dias, graças à universalidade e ao crescente alastrar da civilização industrial⁽⁵⁾, e essa imagem «exprime-se pela monotonia, no trabalho, nos produtos, na maneira de viver» (p. 205).

Mas, para além de todas estas transformações, há sempre alguma coisa que *permanece*. São estes aspectos estáveis, por isso mesmo talvez os mais significativos na definição de grandes conjuntos espaciais com base nas paisagens humanizadas (embora também o sejam as enormes modificações dos nossos dias, pelo ritmo e características variadas que assumem nas diferentes regiões), que mais atraem a

(5) Apesar de tudo, ela também é marcada na génese por condições naturais propícias que lhe favoreceram o desenvolvimento (pp. 93-100).

atenção e a curiosidade de ORLANDO RIBEIRO. É ainda na introdução que escreve: «A maioria dos geógrafos é particularmente sensível ao ritmo das transformações técnicas, sociais e económicas por que o mundo está passando — não sei se as maiores, mas, por certo, as mais rápidas e espectaculares de todos os tempos. Cada vez se me vai delirando mais a curiosidade que suscitam, em proveito de indagações do 'permanente', do desejo de pôr a descoberto as raízes profundas do mundo de hoje» (p. 52). Orientação de trabalho muito pessoal, que imprime uma marca própria à obra do autor. Com ela está ligada decerto a sua posição relativamente à chamada Geografia *aplicada*, que hoje seduz a maioria dos cultores desta ciência — e, não raro, a preocupação de tornar úteis as suas obras conduz a grandes distorções metodológicas, que lhes roubam harmonia e equilíbrio e lançam confusão nalguns conceitos básicos, a começar pelo próprio conceito de Geografia humana. Com esta minha observação, não nego — nem nega ORLANDO RIBEIRO na sua obra — o interesse que possa ter este tipo de investigações: só chamo a atenção para a importância que haveria em as colocar sempre, e isso é perfeitamente possível, dentro dos princípios e métodos que definem a própria essência da Geografia humana. Convém, de resto, esclarecer neste ponto o pensamento do autor dos *Ensaio*s. A pouca atenção dedicada aos temas em questão deriva essencialmente de «duas razões: porque chega para satisfazer as exigências do meu espírito o prazer da compreensão, móbil de todo o conhecimento científico, e porque, entre nós, a administração ignora olímpicamente o trabalho dos geógrafos, para se não embaraçar, nos errados trilhos por onde se mete, com os nossos avisos e sugestões»^(*) (p. 53). Por outro lado, «mesmo dentro da orientação desinteressada, a Geografia é *útil*. Útil como toda a Ciência, por ser um apelo constante à reflexão; útil porque mostra como é vário o mundo e os homens diversos, embora sob o impulso premente das mesmas necessidades; útil porque inclina o espírito à equidade, à tolerância, à humana compreensão que, no mundo de hoje, são os sentimentos de que os povos mais carecem para estabelecer entre eles um convívio possível» (p. 56). Acrescente-se ainda que, mesmo sem que haja a preocupação de os tornar aplicáveis, preocupação que pode roubar equilíbrio metodológico, enredar o investigador em ramos do conhecimento que não domina bem, ou tirar-lhe a serenidade e isenção indispensáveis, os trabalhos de Geografia podem ter concreta utilização prática. Cite-se uma obra de ORLANDO RIBEIRO, a monografia do Fogo, elaborada nos moldes clássicos da Geografia regional, e cuja informação foi do maior interesse quanto à forma de debelar as graves crises económicas que afectam a ilha (p. 41). Por outro lado, e já na segunda parte dos *Ensaio*s, mostra o autor, em «A Geografia e a Divisão Regional do País» (pp. 313-324), como pode esta ciência ser útil num determinado problema, o da divisão administrativa. No fundo, pode ser útil na medida em que contribui para o conhecimento do País: isto é,

(*) Como mostra, por exemplo, a pp. 53-56 e 264.

quanto mais bons estudos de Geografia houver, melhor se poderá elaborar uma divisão administrativa racional. Mas não se esqueça nunca que as divisões administrativas não são de índole geográfica. O mesmo se poderá dizer dos grandes quadros espaciais do planeamento, que obedecem a considerações que em grande parte não são de natureza geográfica, mas em relação aos quais o geógrafo, mantendo-se dentro do seu campo, com o seu conhecimento da terra e das gentes, pode trazer uma colaboração útil e preciosa (ver «Acerca do Planeamento Regional», em colaboração com FRANCISCO TENREIRO, pp. 259-264).

A predilecção de ORLANDO RIBEIRO pelo estudo dos aspectos mais estáveis da paisagem humanizada poderá apenas observar-se que o ritmo de transformações é hoje tão vivo que o geógrafo não pode de modo algum alhear-se dele; e, como escrevi acima, o modo diferente como estas transformações se vão dando nas várias regiões contribui, tal como as formas destas que permanecem, para sublinhar a sua originalidade. Nem isto vai contra o pensamento do autor, que, por exemplo, na «terceira imagem do Mundo» (ver acima), se debruça sobre este ritmo acelerado das modificações dos nossos dias, e, aqui e além, teve necessidade, em notas de rodapé actualizadas, de comprovar que alguns fenómenos bem característicos de Geografia humana deixaram de se verificar (ver, por exemplo, p. 306, quanto à deslocação de gente das serranias da Cordilheira Central para a ceifa do Alentejo).

Até aqui tenho insistido no apoio fundamental da História à Geografia humana, bem patente na obra de ORLANDO RIBEIRO. Mas, como houve já oportunidade de dizer, não é só à História que o investigador vai procurar bases seguras para a interpretação. No ensaio «Problemas Humanos de África», ORLANDO RIBEIRO faz largas incursões no campo da Sociologia. Parece ser isto quase inevitável no estudo da África negra, onde se justapõem, mais do que se interpenetram, sociedades muito diferentes, cujas relações parece que com o tempo se vão tornando cada vez mais delicadas e melindrosas. Ainda neste caso, parte o geógrafo da observação da paisagem, dos «lugares e não dos homens»... Mas a que graves reflexões, num domínio que se sobrepõe ao das Ciências Sociais, não pode conduzir a observação do contraste entre uma lavra de pretos e uma grande plantação, entre os musseques duma cidade e os bairros residenciais urbanizados afectos aos quadros superiores da administração, da actividade económica, dos serviços públicos! Não será por isso que se desculpa FRANCISCO TENREIRO dum «alargamento sociológico» que a sua tese de doutoramento sobre São Tomé contém? Contudo, do ponto de vista metodológico, tais «alargamentos» têm pleno cabimento: eles provam mesmo que o conceito preciso, concreto, de Geografia humana que se indicou acima não limita rigidamente o investigador, antes se coaduna com amplas convergências em relação a ramos do conhecimento vizinhos e as torna mesmo necessárias; daí o carácter interdisciplinar que assume frequentemente a investigação em Geografia humana.

A segunda parte dos *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, «Em Torno da Geografia de Portugal» (pp. 291-373), compreende, além do estudo «A Geografia e a Divisão Regional do País», a que houve já oportunidade de aludir, e de uma recensão muito viva à colaboração de MAX. SORRE sobre Portugal na *Géographie Universelle*, dirigida por P. VIDAL DE LA BLACHE e L. GALLOIS (t. VII, 1.^a parte) (7), mais quatro trabalhos. «Expressão da Terra Portuguesa» (pp. 293-312) é uma síntese admirável, de rara elegância literária, em que se esboçam as características fundamentais da geografia de Portugal, com os seus contrastes e os seus factores de unificação, síntese que o autor desenvolveu nessa verdadeira obra-prima que é *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. «A Planície em Portugal» (pp. 325-335) tem o mesmo carácter de síntese geográfica, embora respeitante apenas ao tipo de relevo indicado no título, isto é, fundamentalmente ao Sul, onde aquele tem maior extensão e continuidade. Em ambas estas sínteses estão bem presentes os vectores essenciais do pensamento do autor, apresentados desenvolvidamente na primeira parte.

«A Geografia e os Problemas da População em Portugal» (pp. 337-353), publicada a primeira vez em 1942, constitui verdadeiramente um trabalho pioneiro em matéria de Geografia da população. É claro que hoje a análise demográfica se conduz com muito mais pormenor, até porque há um conjunto bastante maior de elementos estatísticos disponíveis. Por outro lado, o movimento emigratório, na época relativamente reduzido, tem tomado nos últimos anos uma tal importância que seria necessário estudá-lo com maior minúcia, ao mesmo tempo que outro fenómeno, a atracção urbana, sobretudo em torno de Lisboa e Porto, se tem acentuado altamente. Mas integrar estes aspectos da evolução recente, esmiuçar a análise dos fenómenos demográficos (por exemplo, para compreender os contrastes de densidade e os ritmos diferentes de crescimento dos vários distritos, seria interessante considerar, para cada um deles, a evolução das taxas de natalidade e mortalidade (8) e os valores da emigração que não são apresentados), seria fazer um trabalho novo. Assim o entendeu o autor, reimprimindo simplesmente este ensaio, em que os últimos dados dum recenseamento são os de 1930, e juntando apenas algumas notas de rodapé mais necessárias. Deve aliás salientar-se que a sua consulta é ainda hoje proveitosa, dando-nos uma imagem dos problemas tal como se punham na época e um conjunto de reflexões capazes de enriquecerem qualquer investigação actual sobre o assunto; este trabalho é, colocado «no seu tempo, um contributo objectivo aos estudos de Geografia portuguesa» (p. 62).

«Deslocamentos da População em Portugal» (pp. 355-364; data da primeira publicação, 1941) é um trabalho susceptível do mesmo

género de comentários. Também ao reimprimi-lo, o autor não actualizou os dados posteriores ao recenseamento de 1930, certamente dentro do mesmo princípio indicado para o ensaio anterior. Mas, para além do mérito de, pela primeira vez entre nós, «delinear um assunto» e «estabelecer uma orientação metodológica» (p. 51), é flagrante o interesse das considerações que este estudo contém.

Não é fácil condensar numa recensão, mesmo longa como esta, toda a riqueza do conteúdo do primeiro volume dos *Ensaio de Geografia Humana e Regional* de ORLANDO RIBEIRO. Apesar de constituído pela reunião duma série de trabalhos isolados, ele apresenta uma notável unidade, que reflecte a coerência metodológica do pensamento do seu autor. Por tudo o que se disse, é uma obra de consulta fundamental, quer para o estudante que se inicia nos ramos do conhecimento a que diz respeito, quer para o professor ou o investigador, que nela encontrarão numerosas e sólidas sugestões de método, bem como ampla e variada informação.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS

(7) «Portugal na 'Geografia Universal' Francesa» pp. 365-373.

(8) Carecendo de dados que permitissem definir essa evolução num período suficientemente longo, o autor apresenta apenas as taxas médias anuais de natalidade e mortalidade para o conjunto do País em 1930-1939 e os valores correspondentes dos saldos fisiológicos nos distritos.